

JORNAL: REVISTA DA SEMANA LOCAL: GUANABARA

DATA: 2 / 1 / 1954 AUTOR: _____

TÍTULO: _____

ASSUNTO: IVAN E A II BIENAL - CONCRETISMO

Marino Marini (italiano), uma das atrações da Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Ao fundo, A. Vargas.



NÃO SOPREM OS "MOBILES" DE

(A BIENAL TEM VENTILADORES)

COMO atração pública os «mobiles» de Calder. Num salão (Palácio dos Estados) que se vê em conjunto da rampa que dá acesso aos locais onde estão as esculturas, pinturas, desenhos e gravações de artistas brasileiros, lá estão eles, como se fossem presentes em lojas de brinquedos. Não é preciso mexer, nem soprar, pois existem os ventiladores — mas há os que mexem e sopram. Ouvimos de muitos a sentença de que vale a pena pagar Cr\$ 15,00, preço da entrada, só para brincar com os «mobiles» de mister Calder.

Mas a II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo é muito mais. Segundo cálculos revelados por Válder Zanini, crítico de «O Tempo», são 7 quilômetros de obras de arte que podem ser percorridos, a passo de visita, em 5 horas. Reúne 4 mil trabalhos, de 38 países, sen-

do 266 de artistas brasileiros e 66 de estrangeiros que não quiseram incorporar-se às delegações dos respectivos países. E uma sala só de Picasso, retrospectiva que desfila pelas diversas fases do pintor recentemente abandonado pela família.

O curioso, se a curiosidade vai um pouco além dos «mobiles», terá incentivo e poderá, orientado, ver coisas de que acabará gostando e possivelmente aprendendo — se não terminar com terrível dor de cabeça. Basta recorrer às monitoras treinadas para mostrar a Bienal aos visitantes. São muitas e geralmente bonitas. Recomendamos, com especial carinho, uma loura alta e decidida que, a nosso ver conseguiu humanizar tão burocrática tarefa, transmitindo não apenas a lição que aprendeu na véspera, mas todo o gosto que tem por tudo aquilo.

Agora, com os prêmios já conferidos, elas procurarão levar o visitante interessado primeiro aos vencedores, heróis dessa II Bienal, o maior e mais expressivo agrupamento artístico do mundo, segundo críticos estrangeiros. Afirmam isto Bernard Dorival, D'Hornocourt, Emile Langui e outros presentes. E assim, ele irá ao conjunto de obras do escultor francês Henri Laurents, detentor do prêmio IV Centenário em Cr\$ 200.000,00, traduzido em dinheiro.

O mexicano Rufino Tamayo e o francês Alfredo Manessier dividiram o prêmio para a melhor pintura estrangeira. E a monitora irá explicando: o inglês Henry Moore ficou com o prêmio da melhor escultura estrangeira. Aqui, temos a certeza que a monitora dirá porque aquele rei tem a mão assim, indelínida — não ficaria bem a um rei ter a mão estendida. O

JORNAL: REVISTA DA SEMANA LOCAL: GUANABARA

DATA: 2 / 1 / 1954 AUTOR: _____

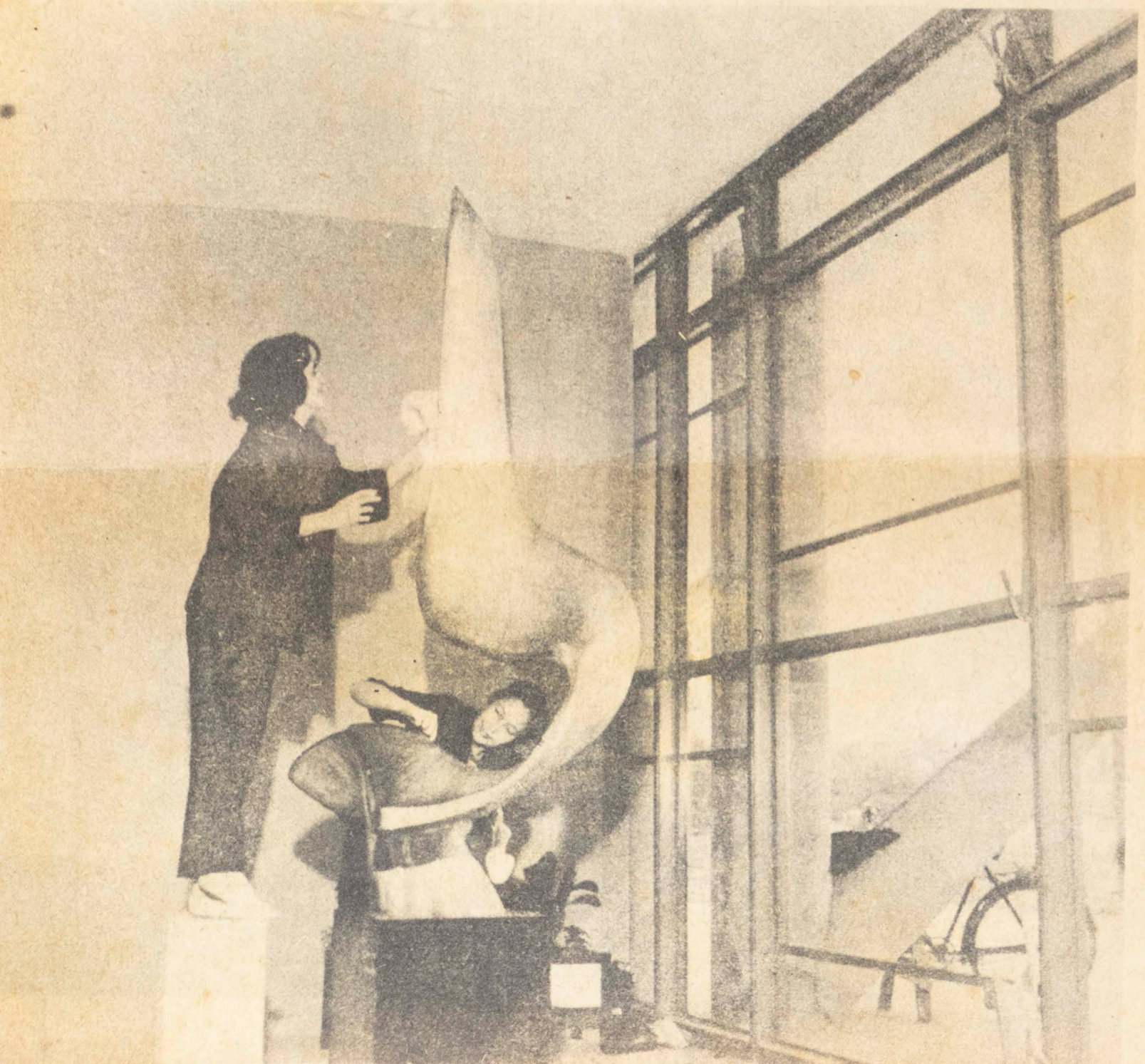
TÍTULO: _____

ASSUNTO: IVAN E A II BIENAL - CONCRETISMO

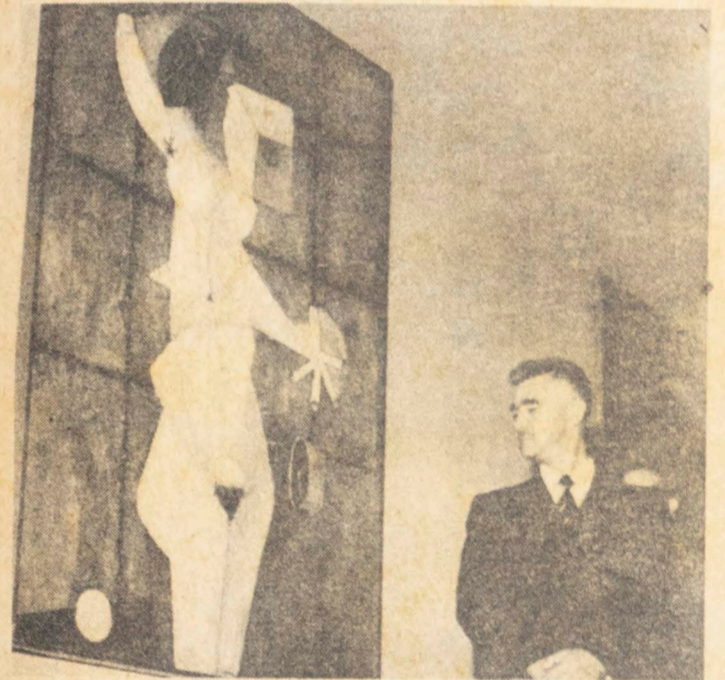


No centro, ao fundo, Henry Moore. O que o pintor (de parede) olha embasbacado, não sabemos o que é. Em baixo: Zélia Salgado lustrando sua escultura. A Bienal espantou e empolgou.

Não soprem os mobiles de Mr. Calder



PROTOCOLO: o governador e o prefeito posam juntos.



O GOVERNADOR Garcez na maratona oficial pela Bienal.



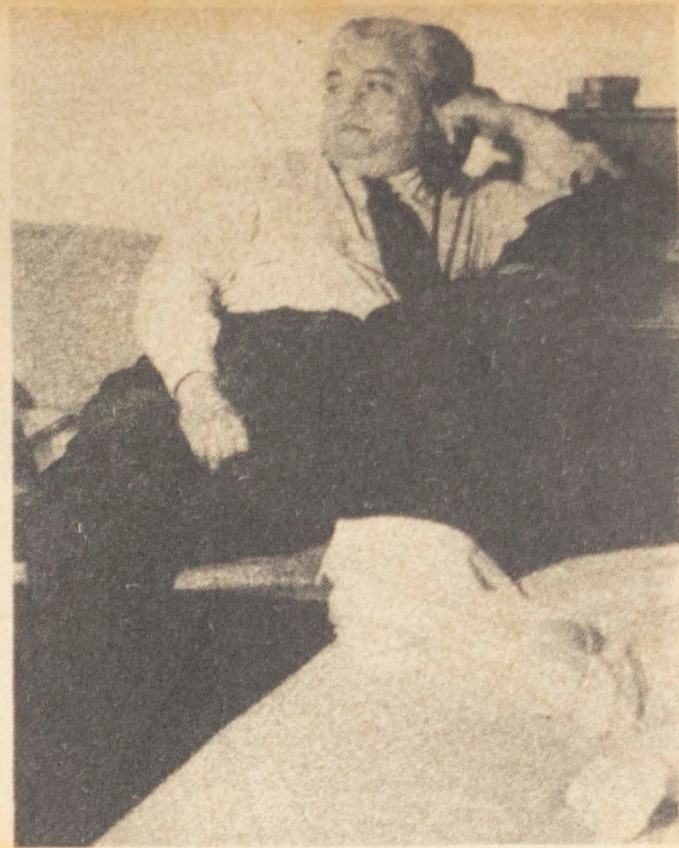
«O CANGACEIRO», de Mário Cravo, fez dupla com «Cristo».



BAIBINO e as «Lianas Virgínicas», de Maria Martins.



BANDEIRA — Um milhão de
liras para ir passear na Itália



DI CAVALCÂNTI — Com Volpi,
prêmio, de pintura nacional.

Reportagem de NEWTON CARLOS

Fotos de DÁRIO TERINI

cações ufanísticas, os nossos vencedores: Volpi e Di Cavalcânti (melhores pinturas Cr\$ 100.000,00), Bruno Giorgi (melhor escultor, Cr\$ 100.000,00), Lívio Abramo (melhor gravador, Cr\$ 50.000,00) e Arnaldo Pedroso d'Horta (melhor desenhista, Cr\$ 50.000,00). Quanto a este, a monitora dirá que começou a desenhar faz pouco tempo. Com o seu quadro «A Cidade», o pintor Bandeira (sem barba) foi premiado pela Fiat com uma viagem à Itália. E os prêmios de aquisição, autores cujas obras ficarão com o Museu: Hilde Weber Abramo (desenhista), Caciporé Tôrres e Mary Vieira (escultores), Ivan

Serpa (concretista) e Elisa Martins (primitiva), entre outros. Entré os primitivos, este ano sem prêmio, Heitor dos Prazeres, cujos quadros refletem a boémia dos morros cariocas, tão bem vivida nos seus sambas.

Se depois de tudo isto, a dor de cabeça fôr muita, dispense a monitora e fique por meia hora diante de um quadro de Lígia Clark — é possível que aconteça o que aconteceu a nós: passou a dor de cabeça. Mas, como leigo que se preza, sentindo vergonha em sair sem dor de cabeça, passe então pelo «Çangaceiro», de Mário Cravo.



Esculturas contra a luz. Henry Moore (nada disto é dele) não gostou e exigiu fundo para os seus trabalhos.

MR. CALDER

italiano Giorgio Morandi classificou-se como o melhor gravador estrangeiro e o americano Ben Shan como o melhor desenhista.

Nesse ponto, possivelmente, a monitora convidará o visitante a deixar o Palácio das Nações (150 metros por 42, 3 andares, área constituída de 12.800 m² e utilizável de 5.200, onde foram empregadas 36 mil sacas de cimento, 3 mil metros cúbicos de areia e 635 toneladas de ferro). Antes, porém, aconselhamos uma visita às esculturas do italiano Marino Marini, uma das atrações. Será, então, levado ao Palácio dos Estados (150 metros por 42, três andares, áreas idênticas ao outro, com 37 mil sacas de cimento, 3.900 metros cúbicos de areia e 700 toneladas de ferro), onde estão as obras de artistas brasileiros.

Lá estarão, para as honras de estilo e expli-